

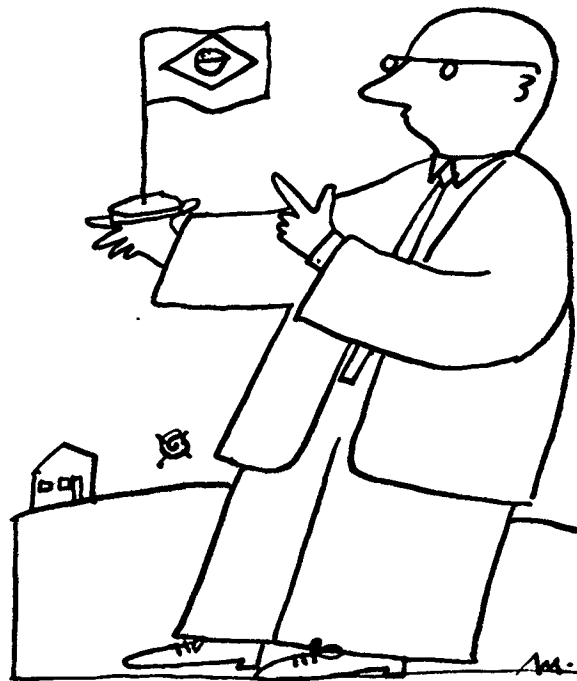
RODRIGO LOPES*

Resolver já o problema da inflação. Ou, pelo menos, apresentar um plano coerente e racional para realizar o ajuste necessário da economia do país. O apoio do PMDB, garantindo a governabilidade, e o do FMI, permitindo a normalização de nossas contas externas, são condições essenciais para o sucesso de qualquer programa do governo Itamar. O que fica muito claro, neste momento, é que a sociedade brasileira e os organismos internacionais não mais aceitam a convivência pacífica com a inflação que tem caracterizado o Brasil nos últimos anos. E não aceitam porque não há mais justificativa técnica, política ou social para isso.

O processo inflacionário atual teve início com a crise do petróleo e foi agravado pela postura irreal do governo Geisel, recusando-se a fazer os ajustes necessários e procurando manter um ritmo de investimentos incompatível com o momento econômico. Foi o período dos grandes desperdícios, como o Programa Nuclear, a Ferrovia do Aço e tantos outros, que só chegaram a ser desenvolvidos em função de um crescente endividamento externo do país. Com a segunda crise do petróleo e a disparada das taxas de juros, ao final da década de 70, início de 80, começamos a viver um processo de crise continuada.

A partir de 1982, o país iniciou um processo de ajuste que se estenderia por toda a década e chegaria ao início dos anos 90, buscando um novo equilíbrio, dentro de um modelo econômico que lhe permitisse retomar o caminho do desenvolvimento. Foi um ajuste bastante penoso, em que períodos de euforia se alternaram com fortes períodos depressivos, causando marcas profundas na sociedade e perdas quase irreparáveis nas atividades econômicas. Esse processo, entretanto, permitiu que se realizassem ajustes importantes, possibilitando hoje uma ação bastante mais racional e produtiva do que a obtida através dos choques econômicos realizados no passado.

Desde 1990 o Tesouro tem apresentado superávits primários, tendo havido também substancial redução da dívida interna, que representa um percentual do produto



bruto perfeitamente compatível com as condições econômicas do país. Há vários anos que o país apresenta saldos cambiais positivos, tendo inclusive acumulado um montante substancial de reservas da ordem de US\$ 25 bilhões.

Nem mesmo a substancial redução das tarifas de importação, abrindo a economia à competição externa, foi suficiente pra reduzir o superávit da balança comercial. O Brasil voltou a ter presença nos mercados internacionais de empréstimos, através de uma crescente participação da iniciativa privada no lançamento de papéis no mercado externo. As Bolsas de Valores têm recebido substancial fluxo de recursos de investidores externos, que, ao contrário do que se imaginava, têm mantido uma posição muito mais conservadora do que especulativa. A

nossa dívida externa já foi negociada com os bancos privados e com o Clube de Paris, necessitando somente de uma aprovação do FMI, necessária à sua execução final. Eliminou-se o controle de preços e realizou-se neste ano um substancial ajuste das tarifas públicas, de forma que não há, neste momento, qualquer distorção importante nos preços relativos de produtos. Um substancial ajuste foi realizado nas finanças estaduais e municipais, fruto de um maior controle no seu endividamento e de uma melhor distribuição de impostos.

O programa de privatização tem caminhado em ritmo acelerado, permitindo que o governo se retire de uma série de áreas que representavam um vultoso comprometimento de recursos públicos. E, finalmente, apesar do enorme esforço e dos choques causados por todas essas medidas, a economia, neste ano, deverá ter um crescimento substancial, aproximando-se da taxa de 5%. Esse crescimento é extremamente sadio, pois é resultado de um aumento na competitividade, na eliminação de distorções e num crescente esforço de exportação.

A pergunta que fica é: por que, se tantos ajustes já foram feitos, continuamos ainda com o nível de inflação superior a 2000% ao ano? É inaceitável que isso aconteça. A teoria econômica pode, perfeitamente, definir hoje quais as ações e medidas necessárias para que o país volte a ter uma estabilidade econômica condizente com o seu nível de desenvolvimento. Nenhum país moderno pode funcionar sem moeda.

Na verdade, o que falta é decisão política. Não faltam inteligência ou instrumentos para a execução de um adequado ajuste econômico. O momento é agora. É preciso não esquecer que mais de 80% dos brasileiros não possuem conta bancária. Os seus poucos recursos são mensalmente deteriorados pelo câncer da inflação, impedidos que são de usufruir da correção monetária, instrumento dos privilegiados. A grande maioria do país perde com a inflação. Não é possível esperar mais. O momento é agora. Nunca foi tão fácil.

* Secretário municipal de Desenvolvimento Econômico e vice-presidente do PMDB/RJ